



Arquiteturas entre o território Xakriabá e a universidade

Lucas Carvalho de Jesus¹
Renata Moreira Marquez²

Resumo

Em visita recente ao território Xakriabá, conversávamos sobre o que era arquitetura e não chegávamos a um acordo. As definições não estavam erradas, mas não eram só aquilo que um ou outro dizia. O que talvez possamos chamar de arquitetura Xakriabá não é a mesma coisa que chamamos de arquitetura na universidade ou na cidade. Eram práticas diferentes. Esse processo de tradução feito com mal-entendidos só é um problema se a nossa intenção for que o entendimento seja único. A partir da ideia de Marisol de la Cadena do *não somente*, aprendemos a expandir a prática da tradução acolhendo a multiplicidade e as diferenças percebidas quando estamos entre mundos. No território Xakriabá, víamos arquitetura como o processo coletivo de construção das casas tradicionais e suas reverberações nas práticas construtivas atuais, as lutas e conquistas pela diferenciação do espaço escolar indígena, as práticas de retomada que geram espaços comunitários, etc. Mas o que nomeávamos de arquitetura, para o povo Xakriabá, era parte da vida cotidiana. Talvez o conceito de arquitetura xakriabá estivesse em germinação, ali naquele encontro, no diálogo com a universidade. Como aprender sobre arquitetura com as práticas espaciais xakriabá? Como considerar as práticas tradicionais nas práticas de arquitetura que chegam ao território Xakriabá a partir da cidade?

Palavras-chave: Arquitetura Tradicional Xakriabá, Tradução, Equivocação.

1 Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

2 Doutora, Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Introdução

Na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ao contrário do que costumamos pensar, não aprendemos só a fazer projeto. Ao longo dos anos, nos deparamos com perspectivas históricas, filosóficas, sociais e críticas da arquitetura e do urbanismo; tecnologias construtivas e suas aplicações; estudos sobre urbanismo e planejamento urbano; e claro, diferentes práticas de projetos. Ao entrar na universidade, somos surpreendidos com as possibilidades que a própria escola oferece no seu currículo oficial. A ideia convencional de arquitetura, voltada aos espaços pensados e concretizados por e para poucos, começa a ser desconstruída. Contudo, ainda assim, o modo de ensinar, construir e projetar para um mundo cada vez mais urbano segue predominante. Ainda aprendemos que satisfazemos necessidades e resolvemos problemas projetando construções. Talvez seja verdade, mas não é só isso.

Em um contexto de colapso climático, expansão urbana e construção desenfreada de edifícios, infraestruturas e equipamentos públicos e privados, urge pensar outras possibilidades de habitar. Desde 2020 – ainda isolados devido à pandemia de Covid-19 –, tivemos a oportunidade de desaprender práticas espaciais que nos foram colocadas como únicas e inquestionáveis. O desaprendizado não implica o esquecimento, mas o confronto radical com conhecimentos vividos como verdade única (RUFINO, 2021, p.18). Grande parte desse desaprendizado veio quando nos deparamos, em uma série de ações na UFMG, com outras formas de pensar, estar e agir presentes nos mundos indígenas e quilombolas que excedem o discurso predominante no curso de arquitetura e urbanismo.

Foi através da universidade que encontramos o povo Xakriabá³, a maior etnia indígena do Estado de Minas Gerais, com mais de doze mil pessoas, localizada no norte do Estado, em São João das Missões. O povo Xakriabá possui uma história marcada por lutas e derramamento de sangue devido ao intenso contato com bandeirantes, fazendeiros e pecuaristas. Em junho de 2021, a aldeia Barreiro Preto, uma das aldeias da Terra Indígena Xakriabá (TIX), foi vítima de uma ação criminosa responsável pelo incêndio da Escola Estadual Indígena Xukurank. Após esse ataque, aconteceram reuniões, desenhos,

³ Os trabalhos com o povo Xakriabá são desenvolvidos no âmbito de projetos mais amplos realizados coletivamente pelo Grupo de Pesquisa Cosmópolis e pelo Programa de Extensão Morar Indígena da Escola de Arquitetura, em parceria com projetos de extensão da Faculdade de Educação da UFMG. Além disso, este artigo também é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo que estamos desenvolvendo ao longo deste ano.

conversas, cursos, visitas virtuais e presenciais, em que buscávamos trabalhar coletivamente para tentar contornar aquela situação extrema.

A partir dali, temos desenvolvido muitas ações compartilhadas com eles. Em visita recente à Terra Indígena Xakriabá, conversávamos sobre o que era arquitetura e não chegávamos a um acordo. As definições não estavam erradas, mas não eram só aquilo que um ou outro dizia. O que talvez possamos chamar de arquitetura Xakriabá não é a mesma coisa que chamamos de arquitetura na universidade ou na cidade. A partir da ideia de Marisol de la Cadena do *não somente*, aprendemos a expandir a prática da tradução acolhendo a multiplicidade e as diferenças percebidas quando estamos entre mundos.

Considerando a situação desconcertante que nos levou a questionar o nosso campo de atuação como arquitetos, este artigo pretende (re)pensar práticas e processos do que poderia ser arquitetura entre o mundo Xakriabá e a universidade. Dois eixos de aprendizado conduzem a discussão, acompanhando dois movimentos de pesquisa em campo: “olhando para as casas” (1) e “caminhando pelos quintais” (2). O primeiro eixo se dá a partir do encontro com as mestras construtoras Libertina, Lourdes, Rosa, Isabel e Binu Xakriabá e da transcrição e edição do registro de uma conversa com elas, no território Xakriabá, em setembro de 2021. No exercício de escuta ativa, mesmo a distância, podemos conhecer as casas e os processos coletivos, as histórias e os modos de construir, cuidar e compartilhar saberes que acontecem desde o “tempo dos antigos”. Já o segundo eixo, reflete a partir de caminhadas no território, quando foi possível acompanhar, em março e julho de 2023, o modo de vida xakriabá. Com os apontamentos dessas duas experiências espera-se imaginar caminhos potenciais para as atuações entre os mundos indígenas e a universidade.

A UFMG desenvolve há mais de 20 anos uma série de ações de diálogo com diversos povos indígenas, a partir de iniciativas multidisciplinares envolvendo o ensino (na graduação e pós-graduação), a pesquisa e a extensão. Tais práticas epistêmicas transformam o que entendemos por conhecimento e abrem caminhos para confluências com aqueles que dessas práticas situadas e negociantes tiveram a oportunidade de participar. Assim, este artigo pretende ser também, a partir da Escola de Arquitetura, uma documentação para contribuir com a reflexão sobre o desafio, os limites e a potência da possível simetrização de aprendizados que se dão situados, tanto fora quanto dentro da universidade e sobretudo neste trânsito. Conversas entre conhecimentos dos territórios e

conhecimentos ditos acadêmicos são possíveis quando entendemos que esses mundos podem se conectar parcialmente e dizer uns sobre os outros, mas não se reduzem a um ou outro (DE LA CADENA, 2015). A diferença entre eles é o que nos permite aprender e, quem sabe, confluir e transfluir (BISPO DOS SANTOS, 2018, p.48).

Uma situação desconcertante

Desde o encontro dos estudantes de arquitetura com os Xakriabá, a partir do qual podemos desaprender o que é arquitetura, começamos a habitar esse lugar do conhecimento negociante. Para nós, a arquitetura que ajuda a pensar caminhos contra este mundo colapsado, excede a construção e o projeto arquitetônico, envolve processos coletivos, práticas de aliança, cuidado e respeito à terra e ao território. Não é uma arquitetura só de e para arquitetos, é uma “escola sem paredes”, na qual quem quiser pode participar, é algo que a universidade sozinha não consegue ensinar. É terra indígena, as retomadas, o corpo-território, a memória, a tradição e a ancestralidade, mas *não somente*. É também casa de alvenaria, escola estadual, espaços comunitários, posto de saúde e cidade. Mas e para o povo Xakriabá, o que pode ser arquitetura?

Retornemos à situação desconcertante ocorrida nas oficinas de mapeamento comunitário na TIX, em março deste ano. Estávamos ali no contexto do projeto de pesquisa⁴ que surgiu como um dos desdobramentos dos trabalhos que foram realizados desde o incêndio da escola Xukurank e também através de uma disciplina ofertada na Faculdade de Educação da UFMG⁵. A ideia de realizar as oficinas havia surgido durante a viagem, como possibilidade de colocar os pés no chão para conhecer os espaços que estávamos acostumados a ver externamente e de deixar algumas das nossas ferramentas de lado, entendendo que “a elaboração do pensamento não é exatamente pela cabeça, ela é pelos pés, pelo corpo e pelas mãos também” (XAKRIABÁ, 2020, p.80). Como havia sido combinado, os estudantes de arquitetura e urbanismo conduziram o processo junto aos estudantes do ensino médio da Escola Xukurank. Uma tentativa inicial e improvisada de

4 “Formação para autonomia tecnológica, construções regenerativas e sistemas de manejo agroecológico na Terra Indígena Xakriabá” aprovado pela FAPEMIG no Edital N° 011/2022.

5 “Autogestão e padrões construtivos locais para ambientes comunitários: composição de práticas para uma educação territorializada” ofertada no primeiro semestre de 2023 e conduzida por Ana Gomes, Adriano Mattos e Margarete Leta.

diminuir as distâncias entre o território e o curso de arquitetura e urbanismo tornou-se o momento de nos apresentarmos e falarmos um pouco sobre o que estávamos fazendo ali.

Éramos estudantes, professores e pesquisadores da UFMG, estudantes da Formação Intercultural de Educadores Indígenas (FIEI)⁶, professores de cultura e membros da comunidade. Era o primeiro dia das oficinas na Aldeia Barreiro Preto. Nos dividimos em quatro grupos e cada um foi por uma região de acordo com o caminho que a água percorria. À tarde, sentados em círculo, na Cabana Kri Wiktu Huminixã e com a presença dos estudantes do ensino médio, comentamos sobre a oficina que aconteceu pela manhã. Falamos sobre essa atividade como uma oportunidade de coletar conhecimentos da vida cotidiana, que precisam ser considerados no projeto e aproveitamos para tentar definir o que chamamos de arquitetura e o que se aprende no curso da UFMG. Cada estudante de arquitetura e urbanismo definiu o termo à sua maneira. Falamos que o curso não é só arquitetura, tentamos explicar as diferenças entre arquitetura e urbanismo a partir da diferenciação de escalas, que existem muitos caminhos e possibilidades dentro do curso, que arquitetura pode ser vista como mediação entre quem constrói e quem deseja e que talvez o que estávamos fazendo ali era tentar aproximar distâncias entre quem faz, quem pensa e quem usa os espaços. Tentamos rapidamente incluir nas definições as práticas espaciais que víamos ali. Contudo, talvez fossem os aprendizados de arquitetura que deveriam ser incluídos nas nossas tentativas de definir o que é arquitetura.

No outro dia, repetimos o processo de mapeamento na Aldeia Sumaré I. Reunidos na Casa de Cultura, fizemos um movimento diferente. Além de mapear as casas, os quintais e os conhecimentos do entorno, como no Barreiro, optamos por mapear também as atividades que já aconteceram, acontecem e podem acontecer na casa. À tarde, com os alunos do ensino médio, falamos rapidamente sobre a oficina que ocorreu naquela manhã e realizamos um processo de definição parecido com o do dia anterior. Ainda assim, suscitados por uma inquietação coletiva sobre o que era arquitetura, perguntamos aos estudantes o que eles mesmos entendem quando escutam esta palavra e as respostas foram

⁶ O Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) funciona na Faculdade de Educação da UFMG desde 2009 e tem como objetivo formar e habilitar professores indígenas, com quatro áreas de habilitação: Línguas, Artes e Literaturas; Matemática; Ciências da Vida e da Natureza; e Ciências Sociais e Humanidades.

bem mais simples do que estávamos conseguindo oferecer: “Arquitetura é planejar a construção”⁷.

Durante esses dois dias, algo me incomodava: eu não concordava com as definições ou com a forma com que estavam sendo apresentadas e não conseguia formular o que estava sentindo. Definições complexas deixavam a impressão de que arquitetura era algo distante, externo e que se buscava na universidade. Foram longos dias de estranhamento a partir daí.

Uma semana depois, em um ritmo mais tranquilo de atividades, um grupo menor e no contexto de outra disciplina⁸, ainda na terra indígena, ao relatar a situação e o incômodo que estava sentido, fui apresentado à pesquisadora da ciência Helen Verran. O que eu chamava de incômodo e estranhamento se aproxima em alguma medida do que a autora define como "desconcerto epistêmico". Segundo ela, “o desconcerto é experimentado como um momento de pânico existencial – sendo repentinamente levado a duvidar do que você sabe” (VERRAN; CHRISTIE, 2013, p.53, tradução nossa). No meu caso, uma dúvida e incapacidade de definir que eu não esperava naquele momento: o que é mesmo arquitetura?

O desconcerto pode ser paralisante, por isso Verran sugere o seu cultivo como essencial para o pensamento pós-colonial (VERRAN; CHRISTIE, 2013, p.54). Durante a intensidade das oficinas, não consegui pensar que o estranhamento não era novo e, de certa forma, algo parecido com esse cultivo já vinha acontecendo, mesmo de forma fragmentada, como comentei no início deste texto. Depois de tantos meses desaprendendo a ideia hegemônica de arquitetura, ouvir aquelas definições das pessoas que permitiram com que esse desaprendizado se desse, foi difícil. O processo coletivo de transmissão de conhecimento que produz uma casa de enchimento não é arquitetura? E a luta pela diferenciação do espaço das Escolas Estaduais Indígenas? Por que definimos de formas tão diferentes e, muitas vezes, complexas o que fazemos e continuamos nos esquecendo das práticas que sempre foram esquecidas?

Em meio a um exercício de tradução, apresentamos respostas equivocadas. O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro define como equívoco situações em que uma ou

7 Comunicação oral.

8 “Autoria indígena e a produção acadêmica” ofertada no primeiro semestre de 2023 na Pós-graduação da Faculdade de Educação voltada aos estudantes indígenas e conduzida por Ana Gomes e Juliana Ventura.

mais pessoas falam de algo que seria a mesma coisa, mas que apresenta sentidos diferentes (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p.251) e sugere que as equívocas devem ser controladas, ou seja, precisamos respeitar as diferenças e não definir de um jeito só (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p.255). Nesse caso, ao invés de tentarmos definir todas as práticas como arquitetura, precisamos encontrar uma maneira de respeitar os seus múltiplos sentidos. Da mesma forma que os nossos mundos são diferentes, o que chamamos ou não de arquitetura também.

Marisol De La Cadena, em seus trabalhos com Mariano Turpo, aprendeu sobre o *não somente*. “Eu o chamava de Mariano-montanha, e ele dizia para mim: Não somente. Montanha, mas não somente” (KRENAK; DE LA CADENA; GOMES, 2021, p.414.). Pego emprestado a figura do *não somente* para dizer que esse episódio em campo nos ensina sobre as multiplicidades e diferenças que aprendemos quando estamos entre mundos. As definições não estavam erradas, mas não eram só aquilo. Da forma com que colocadas, aparentavam ser algo externo, distante e não consideravam as práticas dali que também poderiam ser arquitetura, mesmo sem as pessoas do território reconhecerem como tal. O que chamei de arquitetura, para eles, é a vida cotidiana. Os conceitos de arquitetura estavam em aprendizado coletivo, no encontro da comunidade Xakriabá com a universidade.

Para além de definir, contudo, o nosso objetivo aqui é pensar o que as práticas espaciais Xakriabá podem ensinar sobre arquitetura e como podemos considerar as práticas tradicionais nos nossos processos de aproximação ao território Xakriabá. Para isso, recorreremos aos dois eixos espaciais de aprendizados: “olhando para as casas” e “caminhando pelos quintais”.

Olhando para as casas

Por muitos anos, o povo Xakriabá construiu suas próprias casas com materiais, técnicas e processos locais. As casas mais antigas eram as casas beira-chão, que eram construídas com estrutura de madeira, formando uma espécie de cabana e cobertas de palha desde o alto até o piso. Muitas mudanças ocorreram com o tempo: depois das casas beira-chão, vieram as casas de enchimento (pau a pique) com telhados variados: de palha de buriti ou de capim, de casca de pau d’arco e telha cerâmica produzida na aldeia. Com as dificuldades para encontrar madeira, surgiram também as casas de adobe. Essas casas

normalmente eram cobertas com telhas de barro produzidas nas aldeias ou telhas coloniais compradas fora do território (PIMENTA, 2014, p.13).

Os três tempos das casas tradicionais Xakriabá nos ensinam sobre processos construtivos que vão além do objeto arquitetônico em si. As casas se diferenciam a partir das condições do território, na medida em que determinado cipó acabava, outro era encontrado para ser usado em seu lugar, o mesmo com a madeira e o barro. Segundo Bizerra (2018, p.21), a utilização dos materiais naturais e a forma dela ser feita, colhidos no próprio território, é responsável pela principal característica da casa. O território Xakriabá em si é muito diverso em termos de vegetação, desse modo, o tipo de palha ou capim utilizado mudava de aldeia para aldeia, assim como o barro e demais materiais. A tradição da casa, desse modo, não é algo estático, ou melhor, não se reduz ao objeto construído, é todo o processo que envolve a construção e que está sujeito a atualizações conforme as demandas e condições do território Xakriabá. A tradição, como também diria Rainha Isabel Casimira Gasparino⁹, "é a tradição do possível" e ela se atualiza conforme as demandas dos dias atuais.

Situações de encontro com as mestras Xakriabá tornaram-se frequentes na UFMG através da Formação Transversal em Saberes Tradicionais¹⁰. Nesses processos, em que mestras e mestres transitam e ensinam eles mesmos o seu conhecimento na universidade, entende-se que a construção tradicional é coletiva e envolve toda a comunidade no processo de transmissão de conhecimento. As mestras da construção Libertina, Lourdes, Rosa, Isabel, Etelvina, Binu e muitas outras ensinam sobre as casas tradicionais Xakriabá. Dona Libertina (XAKRIABÁ, 2020) disse uma vez a um aluno de arquitetura e urbanismo da UFMG, que havia feito a proposta de desenvolver uma técnica para que as construções que se desmancham, seguindo os tempos do barro, durassem mais tempo:

Não, meu filho, essa proposta sua é muito perigosa, porque a casa, ela precisa se desfazer entre quatro e seis anos para que eu possa continuar ensinando para meus filhos e para meus netos! Se a casa durar a vida

⁹ Aula na disciplina Cosmociências: Artes e Performatividades Comunitárias realizada em junho de 2021 na Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG conduzida pelos mestres Isabel Casimira, Júlia Ferreira, Sueli Maxakali e Gil Amâncio.

¹⁰ O Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais foi criado em 2014, em diálogo com a proposta do Encontro de Saberes do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCTI) de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa da Universidade de Brasília (UnB). O projeto procura abrir a universidade a experiências de ensino e pesquisa junto aos mestres dos saberes tradicionais.

toda, coloca em risco o ensinamento, a transmissão deste conhecimento. (XAKRIABÁ, 2020, p.112).

Ou seja, o mais importante nos processos construtivos tradicionais não é a duração do objeto material casa e sim do processo de aprendizagem. As casas se transformam em encontros coletivos, pesquisa de trabalhos de percurso no FIEI e disciplina de matemática e física na escola da Aldeia Custódio, como conta Dona Rosa:

Quando fizemos o barraquinho beira chão na Escola da Aldeia Custódio, envolvemos os alunos todos. Foi um trabalho feito dentro da escola que começou com a matemática. Os professores trabalharam a matemática durante a construção, contando as varas: “Quantas varas vão para uma parede? Quantas varas vão para o telhado?” Estávamos acompanhando, fomos para o mato, tiramos as madeiras, as forquias, os caibros, as varas e os cipós. Mostramos aos alunos o que era o cipó e como se tirava o cipó. Tem uma matinha para tirar os cipós que amarram as paredes. Foram contadas quantas varas iam nas paredes, quantos nós amarravam nas varas para segurar. Dividimos em duas partes: uma foi tampada com palha e a outra foi enchimentada para ser embarreada. Todo o trabalho que fazemos na escola é com todas as crianças, porque pensamos assim: “Hoje a gente está vivo, amanhã a gente não sabe!”. (FERRO; EVARISTA; BEZERRA; BEZERRA, 2021).

As casas de enchimento são as mais conhecidas hoje entre os Xakriabá. “Para ficar bonita” (FERRO; EVARISTA; BEZERRA; BEZERRA, 2021), elas recebem um barro arenoso na cor branca (tubatinga) como um tipo de reboco (BIZERRA, 2018, p.21). Esse barro é utilizado para receber as pinturas de Toá, feitas a partir de elementos da cultura Xakriabá. O Toá, como conta Dona Libertina, “é uma massinha de barro colorido que encontramos nas grotas e usamos como tinta – temos o barro preto, o amarelo, o azul” (FERRO; EVARISTA; BEZERRA; BEZERRA, 2021). Com o tempo as pinturas e o barro branco desmancham e torna-se necessário refazer algumas paredes de enchimento, um movimento constante de cuidado e manutenção da casa.



Figura 1: Casa de enchimento de Lourdes Xakriabá.
Fonte: Pauline Aimê, 2022.

As paredes de enchimento também eram usadas para guardar sementes, as mulheres as depositavam nas paredes embarreadas e trocavam entre comadres e parentes (XAKRIABÁ, 2018, p.77) – um gesto de manutenção da tradição, da memória, da biodiversidade, da alimentação e da vida em comunidade. Não é porque os materiais são naturais e encontrados no território que as pessoas podem tirar sem respeitar as ciências da natureza. Ao se construir uma casa, o tempo da lua também é importante, e é a referência para retirada da madeira e do barro. Além disso, Dona Isabel nos ensina que se você precisa de uma linha para fazer a tesoura do telhado, você não corta várias madeiras e depois decide qual será a linha. Como você já sabe previamente as características que uma linha precisa ter, pela formação que seus pais te deram, você vai para a mata e só coleta a que precisa (FERRO; EVARISTA; BEZERRA; BEZERRA, 2021). A casa, nestes termos, também é uma forma de cuidado, visto que parte do processo é regido por uma temporalidade própria que implica na desconstrução e reconstrução das paredes de barro e da pintura de toá e no respeito à natureza para a retirada dos materiais.

Por mais que a memória das casas tradicionais permaneça viva, com o tempo os materiais começaram a vir de fora e com isso uma dependência externa para a tomada de decisão, assim como a mudança nas próprias construções. A influência do modo de vida da cidade e das referências externas são visíveis hoje na realidade socioespacial das

aldeias da TIX. Durante o processo de reconstrução da escola Xukurank, foi possível perceber os impactos das construções da cidade e dependências externas nos processos de tomada de decisão. As escolas estaduais, os postos de saúde, as infraestruturas realizadas pela Prefeitura Municipal, a produção de lixo e o consumo de alimentos industrializados alertam para a influência do modo de vida da cidade no território e interferem nas dinâmicas atuais das aldeias. A cultura do cuidado presente nas antigas construções quase não existe mais. Como Bizerra (2018) coloca, “[...] as casas de alvenaria precisam de quem tem um conhecimento especializado que não é um conhecimento compartilhado por muitos. Necessita-se contratar alguém para construir” (BIZERRA, 2018, p.16). A mão de obra, além de especializada, é predominantemente masculina e as mulheres, por exemplo, não dominam mais todo o processo construtivo das construções. Nesse processo, a busca pela aparente durabilidade da alvenaria é priorizada em detrimento do domínio dos saberes construtivos pelas pessoas das comunidades.

As casas de alvenaria chegaram de forma mais violenta nos locais em que existiam muitas casas de enchimento como a Aldeia Caatinginha e Imbaúbas (SANCHES, 2014), mesmo já sendo um processo comum em outras aldeias pela influência do modo de vida da cidade, como comentado anteriormente. Em 2013, a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) entendeu que as casas de enchimento facilitam a proliferação do *chupão* (barbeiro) e logo depois, a Fundação Nacional da Saúde (FUNASA) iniciou a implantação das casas de alvenaria no território através de um programa de combate à doença de Chagas. O programa deveria ser empregado através de reformas ou reconstruções. No território Xakriabá, a reconstrução foi a lógica mais empregada, especialmente nessas duas aldeias, que apresentavam muitas casas de enchimento (CORRÊA; LISBOA, 2019, p.11). Para se ter uma casa de alvenaria era necessário derrubar a casa de enchimento. Além disso, “essas casas já vêm com seus próprios modelos, sendo que muitos indígenas não se acostumam com o formato dessas moradias, pois elas não oferecem o conforto, a simplicidade e a liberdade que tem a casa tradicional” (BIZERRA, 2018, p.49).

Lourdes nos ensina que as casas de alvenaria também são importantes: “Agora as coisas mudaram um pouco. Hoje recebemos as casas de alvenaria, o que não foi ruim. Foi uma benção para nós porque antes tínhamos que reconstruir a nossa casa todo ano” (FERRO; EVARISTA; BEZERRA; BEZERRA, 2021). Atualmente, com todas as

mudanças no território, elas já não conseguem reconstruir a casa de enchimento no mesmo intervalo de tempo de antigamente. As condições mudaram e as demandas da comunidade também. A madeira, o cipó, o barro já não são os mesmos. Para manter essa memória viva, o que essas mulheres fizeram foi demolir a casa de enchimento para que a de alvenaria fosse construída e logo depois construíram a de enchimento novamente, tanto para moradia, como para cozinhas e espaços para guardar coisas. O mais comum entre os mais velhos é possuir duas casas, a tradicional e a de alvenaria.



Figura 2: Casa do Sr. Estácio na Aldeia Caatinguinha. Da direita para a esquerda temos a casa construída pelo programa de combate à doença de chagas, a estrutura da casa antiga e a casa nova de enchimento para guardar coisas.

Fonte: (Pimenta, 2014, p.25).

Em novembro de 2022, retornamos à TIX, no contexto da disciplina da Formação Transversal em Saberes Tradicionais¹¹, elaborada junto aos indígenas da Aldeia Barreiro Preto para a construção da Casa do Forno. Era um evento, toda a comunidade se juntava para receber as pessoas de fora em uma semana intensa de trocas em arquitetura, cerâmica, culinária, lavoura e muitos outros aprendizados que excedem essas categorias. Nesses processos, os diferentes tempos das comunidades entram em conflito diretamente com o tempo da cidade, imediatista e propositivo. Os tempos das águas, da seca, da lua, do barro, do jenipapo e muitos outros ensinam que relações com outros mundos envolvem respeito aos diferentes processos envolvidos.

¹¹ “Arquitetura, cerâmica e culinária Xakriabá” aconteceu na Terra Indígena Xakriabá e contou com a participação de estudantes da graduação de diferentes cursos, pesquisadores e estudantes da Formação Intercultural de Educadores Indígenas.

O tempo das águas é celebrado com felicidade pelos Xakriabá. Depois de um dia intenso de trabalho, veio a chuva. Em meio a um dia nublado e chuvoso, recebemos a notícia que o espaço em que estávamos trabalhando estava ocupado pelo barro. Como faríamos? Fomos aprender com esse mesmo barro o que fazer. Já era uma realidade que não iríamos conseguir terminar o que estava planejado para a nossa passagem pelo território. A parede de enchimento não secou. O barro não teve tempo para secar. Não foi possível passar o barro branco e finalizar com as pinturas de Toá. Os planos foram afetados pelas espacialidades e temporalidades do território, fazendo com que, aos poucos, o nosso projeto arquitetônico (ou projeto de conhecimento) fosse sendo desfeito, como também diria FAVRET SAADA (2005, p.160).

Após o nosso retorno para a cidade, a comunidade se mobilizou com os alunos da escola para terminar o espaço. Nei e Ivanir Xakriabá, professores de cultura da aldeia, continuaram o processo, dando sequência às atividades que o grupo havia começado. Esse processo demonstrou que grande parte do sucesso de possíveis práticas de retomada dependem da mobilização e envolvimento dos jovens, aqueles que hoje são, em alguma medida, os responsáveis por trazer influências externas para as aldeias.



Figura 3: Alunos do ensino médio dando continuidade a construção da Casa do Forno.

Fonte: Nei Leite Xakriabá, 2022.

Caminhando pelos quintais

Caminhando pelo território Xakriabá, em meio a uma paisagem marcada pela transição entre os biomas Cerrado e Caatinga, conhecemos uma infinidade de espécies de caráter medicinal, invasoras, polinizadoras, as que matam abelhas e muitas outras. O conhecimento é disperso e os conhecedores são muitos. Os quintais abrigam uma infinidade de mundos, que em pequena escala nos ensinam como a produção de diversidade pode acontecer quando se conhece e se cuida. Muitos tempos são considerados: o tempo da seca, das águas e o da lua. Os animais e as plantas também inspiram as práticas de retomada do território, as moringas de cerâmica ganham cabeças de bicho e nas pinturas de Toá encontramos os animais e as plantas preferidas de quem constrói. São paisagens multiespécies (TSING, 2019, p.16) realizadas através de interações entre agentes não humanos e humanos: terra, água, lua, sementes, abelhas, pássaros, galinhas, pedras, crianças e quem mais quiser participar.

O quintal da Dona Guilhermina abriga uma diversidade de espécies medicinais, galinhas, fogões tradicionais e cisternas. Elementos do modo de vida Xakriabá dispersos e conectados no quintal da casa. Assim como as casas tradicionais, os fogões são muitos: de lenha, de torrar farinha e o de cozinhar panela grande! (FERRO; EVARISTA; BEZERRA; BEZERRA, 2021). Eles costumam estar nas casas de enchimento ou nos quintais e representam a importância da culinária para as mulheres Xakriabá. O quintal, em sua relação com a casa e com todo o território, permite que um fluxo de soberania aconteça. Como diria Dona Isabel: “Às vezes, você tem tudo dentro de casa, mas acha que não tem nada. Você tem um forno de torrar farinha, um pé de mandioca que você arranca, lava e joga para o forno. Daqui a pouco a farinha sai. Saiu o que você precisa” (FERRO; EVARISTA; BEZERRA; BEZERRA, 2021).

Em outros quintais, a situação já é diferente. Percebemos a influência direta do modo de vida da cidade, como comentado anteriormente nas casas. Sem diversidade de plantas e com os resíduos e lixos sendo depositados a céu aberto, percebemos a quantidade de alimentos industrializados que existem atualmente no território e como o lixo, que antes não era um problema, tornou-se. Na TIX não existe nenhuma forma de descarte coletivo do lixo gerado, eles geralmente são queimados individualmente nas casas. O consumo de alimentos industrializados e a produção de lixo são reflexo direto da cultura alimentar que se instaurou aos poucos entre os Xakriabá. Com a compra de

alimentos industrializados pela escola, por exemplo, a cultura alimentar das aldeias foi enfraquecida. “Merenda que não é comida” como diria Zeza Xakriabá (ALKMIM; ANDRADE; CAMPOS, 2021, p.10.), enfraquece os costumes alimentares tradicionais e cria novos.

Com a criação do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) a situação começou a mudar. O PNAE estabelece que no mínimo 30% dos alimentos comprados pelas escolas devem vir da agricultura familiar, priorizando-se os assentamentos da reforma agrária, as comunidades indígenas e as comunidades quilombolas. O ROMZÃ, Coletivo dos Agricultores e Agricultoras Familiares Indígenas Xakriabá, foi o responsável por articular e mapear os agricultores e as colheitas para facilitar o processo de venda dos alimentos que fazem parte da cultura alimentar Xakriabá para as escolas (ALKMIM; ANDRADE; CAMPOS, 2021, p.10). Esses agricultores reunidos nos ensinam que as estratégias de plantação são muitas. Ao caminharmos com Zeza e Seu João na horta que possuem ao lado da casa, quase uma extensão do quintal, conhecemos as tecnologias que criam para a irrigação e quais as espécies que mais cultivam. Hoje, os alimentos que produzem chegam a todas as aldeias do território e incentivam uma alimentação de qualidade, fortalecendo a economia local e a preservação de hábitos culinários.

As cisternas também estão presentes em praticamente todos os quintais. Com as mudanças climáticas, as nascentes foram secando e as dificuldades para acessar a água aumentaram. Cisternas de concreto e polietileno, hoje essenciais para as atividades de cuidado dos quintais, das roças e dos viveiros, também receberam iniciativas de projetos sociais destinados à construção desses elementos para o armazenamento das águas das chuvas. Os Xakriabá aprenderam com os antepassados a cuidar dos quintais, das hortas e das roças imitando a natureza. A agrofloresta, por exemplo, já vem sendo praticada pelos mais velhos há tempos, mas não com esse nome. Seu João Xakriabá reconceitua o termo de uma forma interessante. Prefere chamar de *águafloresta*, “porque quando plantamos planta, também estamos plantando água” (XAKRIABÁ, 2018, p.81). Percebemos que para além do armazenamento da água de chuva nas cisternas, urge plantar água na Terra Indígena Xakriabá!

Aprendi também com Dona Dalzira que o quintal tem um pouquinho de tudo, mas não tem muito e nem tudo. Quando fomos coletar remédios na mata, vimos várias

espécies, mas só coletamos as que precisávamos. Entendi que a ideia do quintal não é não ter que sair dele. Entrar na mata para buscar novos remédios, novas abelhas também é importante. A mata também é um quintal expandido da casa e ela precisa ser cuidada da mesma forma que se cuida do quintal. A diversidade de plantas cultivadas nos quintais e na mata só é possível pelas práticas de cuidado que as famílias desenvolvem.

“Dali para lá é gerais. Daqui para cá é mata”¹², eram frases que ouvimos enquanto caminhávamos pelos quintais durante as oficinas de mapeamento. Eram palavras novas para o que tínhamos aprendido, mais ou menos, como uma só – Cerrado. Falavam em gerais, mata, tabuleiro, carrasco, escalavrado. Quando perguntávamos qual era qual, eles apontavam. “Aquilo ali é gerais. Aquilo lá é mata”¹³. Quando perguntávamos sobre uma planta específica, eles apontavam: “é aquela ali. Aquela lá atrás é aroeira. Aquela ali é caatinga de porco”¹⁴. Eles viam uma planta específica e nós víamos um todo (que ao mesmo tempo não significava nada). Não era fácil identificar o que era cada coisa.



Figura 4: Caminhadas durante as oficinas de mapeamento.
Fonte: Programa de Extensão Morar Indígena, 2023.

12 Comunicação oral aos autores.

13 Idem.

14 Idem.

Já na cidade, encontramos o trabalho da Formação Intercultural de Educadores Indígenas sobre os tipos de solo da Aldeia Prata. Laura, moradora da aldeia, investiga os solos utilizados em três grupos de práticas da vida Xakriabá: extrativismo, agricultura e construção. Além de diferenciar as aldeias, cada bioma tem um tipo de solo diferente, que serve para uma coisa diferente. Laura nos ensina que a mata é o que conhecemos como Caatinga, “é onde existe a aroeira, braúna, pau d’arco e muitas espécies de plantas que contém água como o mandacaru” (XAKRIABÁ, 2019, p.33) e seu solo é forte para a agricultura. Já o gerais ou tabuleiro, é o que conhecemos como Cerrado. O seu solo não tem os mesmos benefícios para a agricultura, mas é valioso para o extrativismo de frutas, plantas medicinais e Toá. Tem também o escalavrado, que “é um local onde reside sua parte vegetativa a céu aberto, ou seja, áreas mais abertas sem muito fechamento de árvores, pois ambas as árvores desse terreno são baixas e tortas e deixam seu espaço com as características mais visíveis” (XAKRIABÁ, 2019, p.30). Já no carrasco, “as árvores são baixas e trançadas e é onde abriga muitos animais de caça” (XAKRIABÁ, 2019, p.35). Também é possível encontrar “plantas medicinais como o cravim, roxinha, pente de macaco, maracá, alho, brabo, catuaba e entre outras” (XAKRIABÁ, 2019, p.35).

No território, fomos com Seu Nico à área de retomada. Dessa vez não era mais novidade os termos que usavam para falar da vegetação, mas como diferenciar na prática? Isso leva tempo. É parte de um processo de relação e ação cuidadosa com as plantas e os demais seres. Aprendemos com os muitos seres-terra, seres-plantas, seres-bichos, etc., que muitos mundos compõem o que chamamos de mundo Xakriabá. Estamos aprendendo na prática, com o corpo no território, o que Célia já tinha nos contado sobre a memória Xakriabá da paisagem e vegetação: “o que marca a relação da divisa das aldeias é a vegetação. O cerrado que passou para caatinga ou vereda; um pé de árvore plantado, uma encruzilhada” (XAKRIABÁ, 2020, p.96).

Se nós, estudantes de arquitetura e urbanismo, estamos acostumados a ver os territórios de cima, e isso fica claro quando desenhamos uma implantação, os indígenas do Barreiro e do Sumaré veem o território com os pés no chão e desenham em 3D. Optamos por caminhar com eles antes de realizarmos os mapeamentos com drone, que chamaram muito a atenção porque nunca haviam visto determinados lugares de cima.

O quintal da Naiara foi mapeado com o drone como parte do seu trabalho de percurso da Formação Intercultural de Educadores Indígenas. Naiara pesquisa a relação

das pessoas com as nascentes e com a água dos poços artesianos e como essa relação se transformou nos últimos 20 anos. Ao entregarmos as fotos de drone feitas na aldeia da Naiara, Olhos d'Águão, ela rapidamente identificou os rios, o caminho das águas e as áreas de inundação, mas ficou emocionada quando viu o seu quintal de cima pela primeira vez. Com uma diversidade de plantas, seu quintal se destaca na paisagem.



Figura 5: Vista aérea do quintal de Naiara Xakriabá.
Fonte: (Santiago, 2023, p.17).



Figura 6: Desenho do quintal de Naiara Xakriabá visto de cima.
Fonte: (Santiago, 2023, p.18).

Naiara percebeu não só a diversidade de plantas que ela mesma cultivava, mas entendeu o caminho das águas de outro jeito. Estar próximo e distante do território através das imagens aéreas, em companhia dos que pisam a terra, faz toda a diferença.

Considerações finais

Neste constante movimento tradutório repleto de equivocções, somos levados a aprender com diferenças e conexões parciais. Muitos aprendizados do que é ou não é entendido como arquitetura pela universidade são possíveis ao se relacionar com as práticas Xakriabá. Os dois eixos de aprendizado aqui apresentados e formulados após o momento de desconcerto epistêmico se conectam e se expandem para além das próprias práticas espaciais. Através deles, percebemos que as mulheres e suas práticas de casa-quintal-escola-arte-cuidado ensinam sobre práticas espaciais que excedem os termos do objeto construído, da prática construtiva e da própria tradição. Com os Xakriabá, aprendemos que processos construtivos também são processos de aprendizagem. A casa e o quintal em sua relação com o território nos ensinam sobre o mundo multiespecífico Xakriabá.

A influência do modo de vida da cidade se faz presente em ambos os movimentos de pesquisa. Os processos de mudança das condições do território alertam para os impactos das construções consideradas duráveis em comunidades, da geração de lixo, do consumo de alimentos industrializados, da falta de água e de plantas cultivadas para consumo próprio. Essas mudanças alteram processos coletivos de manutenção de saberes, mas ainda assim possuem devida importância nos cenários de demandas e imposições atuais.

Estar próximo e distante em companhia talvez seja um modo de pesquisar e atuar nos territórios indígenas que nos ajude a pensar não só a arquitetura, mas também a universidade, sobre como estabelecer relações não predatórias entre mundos.

Referências

- ALKMIM, Maria José Moreira; ANDRADE, Rebeca Cássia de; CAMPOS, Thiago Barbosa de. **Mapeamento colaborativo das práticas do ROMZÃ** - Coletivo dos Agricultores e Agricultoras Familiares Indígenas Xakriabá. Urbe Urge. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2021. 30p.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. Somos da terra. **Piseagrama**, nº12. Belo Horizonte: Piseagrama, agosto de 2018.
- BIZERRA, Edmar Gonçalves. **Moradias Tradicionais Xakriabá**. 2018. 64 f. TCC (Graduação) - Curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- CORRÊA, Adriano Mattos; LISBOA, Artur Borges. **Transformação e Devir de uma Arquitetura Sertaneja: a casa de forquilha Xakriabá**. 2º Seminário Arquitetura Vernácula. Belo Horizonte, 2019.
- DE LA CADENA, Marisol. **Earth beings: ecologies of practice across Andean worlds**. Durham And London: Duke University Press, 2015, 369 p.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de campo** n.13. São Paulo: USP, 2005.
- FERRO, Libertina Seixas; EVARISTA, Lourdes Seixas; BEZERRA, Isabel Cavalcante; BEZERRA, Rosa Seixas Ferro. **Conversa com as mestras da construção**. [Entrevista concedida a] Ana Gomes, Adriano Mattos e Margarete Leta. 2021. Terra Indígena Xakriabá (MG).
- KRENAK, Ailton; LACADENA, Marisol de; GOMES, Ana. Como viver no mesmo planeta? In: MOULIN, Gabriela *et al* (org.). **Seres-rios**. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2021. p. 412-427.
- PIMENTA, Sandra Fernandes. **Modos de construções Xakriabá aldeias Barreiro e Caatinginha**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Habilitação em Matemática.
- RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2021. 82 p.
- SANCHES, Déborah Cimini Cancela. **A produção do espaço no território Xakriabá: a Ideias imbaúbas e caatinginha**. 2014. 214 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SANTIAGO, Naiara Paulo. **Seus olhos veem água?** Onde está a água na vida Xakriabá? 2023. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas:** paisagens multiespécies no antropoceno. Brasília: Ieb Mil Folhas, 2019. 284 p.

VERRAN, Helen; CHRISTIE, Michael. The generative role of narrative in ethnographies of disconcertment: Social scientists participating in the public problems of north Australia. In: **Learning Communities International Journal of Learning in Social Contexts**, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Antropologia Perspectivista e o método da equivocação controlada. Tradução de Marcelo Giacomazzi Camargo e Rodrigo Amaro. **Aceno** – Revista de Antropologia do Centro-Oeste, 5 (10): 247-264, agosto a dezembro de 2018. ISSN: 2358-5587

XAKRIABÁ, Célia. Amansar o giz. **Piseagrama**, Belo Horizonte, número 14, página 110 - 117, 2020.

XAKRIABÁ, Célia Nunes Corrêa. **O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá:** reativação da memória por uma educação territorializada. Dissertação, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais, Universidade de Brasília, 2018.

XAKRIABÁ, Célia. Corpo-território. In: GOMES, A.; LIMA, D.; OLIVEIRA, M.; MARQUEZ, R. (Orgs.) **Mundos Indígenas**. Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2020. p.80.

XAKRIABÁ, Laura Caetana dos Santos. **Extratativismo, Agricultura e Construção:** a diversidade dos solos da Aldeia Prata. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019, p. 33.

XAKRIABÁ, Nei Leite. Ensinar sem ensinar. **Piseagrama**, Belo Horizonte, nº 15 [conteúdo exclusivo online], dezembro de 2021.